

## TESTEMUNHOS E “SACRILÉGIOS”: Narrativas de pessoas trans cristãs em cidade interiorana no sertão de Pernambuco.

Sanches Max Jesus Viana

*Graduado no Curso Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário do Rio São Francisco (UNIRIOS) em Paulo Afonso-BA.  
psi.sanchesmax@gmail.com*

Bruno Robson de Barros Carvalho

*Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Professor no Curso Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário do Rio São Francisco (UNIRIOS), em Paulo Afonso-BA.  
bruno.carvalho@unirios.edu.br*

*Simpósio Temático nº 39 – SER CIDADE: (DES)GENERIFICAÇÃO DOS CORPOS, ESPAÇOS PÚBLICOS E EDUCAÇÃO*

### RESUMO

Este artigo advém da pesquisa de monografia intitulada: Isso não é de Deus: Experiências sertanejas de LGBTs cristãos na ‘diver-cidade’ de Petrolândia-PE, e a mesma teve como pretensão se debruçar sobre as experiências de pessoas trans que participam ou participaram de igrejas cristãs neste município, uma cidade interiorana e sertaneja. Como objetivo principal, procuramos investigar as experiências de pessoas LGBTs cristãs diante dos atravessamentos entre diversidade sexual e de gênero e religiosidade. No que tange a metodologia, caracteriza-se por uma perspectiva qualitativa, em que o instrumento para produção dos dados foi a entrevista narrativa. Posteriormente os dados obtidos foram submetidos a Análise Hermenêutica Dialética através da ordenação, classificação e categorização dos dados. Apresentaremos as análises dos participantes que trouxeram suas experiências por serem pessoas trans e professarem a fé cristã, duas no total, tanto convergindo e confirmando os tensionamentos existentes entre diversidade sexual e de gênero com o Cristianismo, desvelando nuances de inclusão/exclusão que se correlacionam, como também revelando diferentes e múltiplos modos de subjetivação, existir e resistir nesses espaços religiosos. Logo, implicar a Psicologia na discussão de tais temáticas e intersecções, interiorizar a pesquisa e o olhar da ciência se faz necessário, urgente e relevante, ao provocar uma reflexão sobre uma temática que dialoga com vários saberes e experiências, mas que ainda é pouco estudada tanto nacionalmente, e principalmente como é proposto aqui, a partir de um recorte sertanejo e interiorano do Nordeste brasileiro.

**Palavras-chave:** Experiência, Psicologia, Transgeneridade, Cristianismo, Sertão.

### ABSTRACT

This article comes from the monograph research entitled: This is not from God: Country experiences of Christian LGBTs in the 'diver-city' of Petrolândia-PE, and it was intended to focus on the experiences of trans people who participate or participated in Christian churches in this municipality, a city in the countryside and backlands. As a main objective, we seek to investigate the experiences of Christian LGBT people in the face of crossings between sexual and gender

diversity and religiosity. Regarding the methodology, it is characterized by a qualitative perspective, in which the instrument for data production was the narrative interview. Afterwards, the obtained data were submitted to Dialectical Hermeneutic Analysis through the ordering, classification and categorization of the data. We will present the analysis of the participants who brought their experiences of being trans people and professing the Christian faith, two in total, both converging and confirming the existing tensions between sexual and gender diversity with Christianity, unveiling nuances of inclusion/exclusion that correlate, as well as revealing different and multiple modes of subjectivation, existing and resisting in these religious spaces. Therefore, involving Psychology in the discussion of such themes and intersections, internalizing research and the view of science is necessary, urgent and relevant, as it provokes a reflection on a theme that dialogues with various knowledge and experiences, but which is still little studied both nationally, and mainly as proposed here, from a hinterland and interior region of the Brazilian Northeast.

**Keywords:** Experience, Psychology, Transgender, Christianity, Hinterland.

## Introdução

No Brasil a religiosidade é um aspecto importante da vida das pessoas, um indicativo dessa realidade pode ser visto no último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), apontando que mais de 90% dos brasileiros dizem estar vinculados a algum credo religioso, sendo que, 64,6% se declaram católicos e 22,2% protestantes, sendo que a segunda vertente cristã abarca as denominações: tradicionais, pentecostais e neopentecostais evangélicas.

Louro (2008) considera que não tem nada de exclusivamente natural no que tange ao gênero e a sexualidade. Para a autora ser homem e ser mulher são processos que ocorrem no âmbito da cultura e não no nascimento e nem na denominação de um corpo como sendo de macho ou fêmea. A autora compreende que a construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, de forma contínua e sem fim. O que “[...] significa tanto opor-se à ideia de naturalização do feminino e do masculino como também ser crítica de uma sexualidade rígida, fixa, pelos determinantes biológicos”. (BORGES, 2009 *apud* BORGES *et.al*, 2013, p.733).

Colling (2018) compreende que as posições identitárias que construímos são operadas a partir do discurso e das palavras, porém as práticas discursivas mudam durante o tempo, o que implica que as identidades não podem ser encaradas como fixa e imutáveis. Para Louro (2000), as identidades de gênero e sexuais na sociedade são inscritas nos sujeitos a partir das relações de poder. A autora ainda afirma que as marcas das identidades são produzidas pela linguagem, em que essa produção é realizada por diversas instituições e dispositivos como lei, família, escola, sendo a igreja também um deles.

Foucault (1979) propõe o entendimento de poder como uma relação e não como um elemento que possuímos. Nessa ótica, podemos considerar as relações de poder que se estabelecem entre sujeitos sociais diferentes, e que podem ter então, direções variadas.

De acordo com Colling (2018), os estudos *queer*<sup>1</sup> apesar de serem diversos, possuem aspectos em comum: 1) criticar as normas de gênero e sexualidade; 2) evidenciar a multiplicidade de orientações sexuais e identidades de gênero em sua existência e resistência; 3) problematizar perspectivas patologizantes, biologizantes e moralistas; 4) rejeitar ideias normatizadoras, não só da sexualidade; e 5) criticam a separação clássica entre estudos de gênero e estudos da sexualidade.

Butler (2003), a partir da a teoria *queer* radicaliza e questiona a ideia de estabilidade, fixidez e de conexão das identidades sexuais, configurando-se como uma importante ruptura com as teorias que pensavam identidade de maneira fixa e natural. A autora produz uma crítica aos binarismos homem-mulher, heterossexual-homossexual, macho-fêmea, sexo-gênero para questionar uma “heterossexualidade compulsória” na qual corpos são ordenados para um lado ou outro do binarismo, regulação esta que suprime a diversidade.

Apesar das pesquisas do Censo do IBGE (2010) apresentarem as estatísticas do Cristianismo no Brasil e não incluir identidade de gênero e orientação sexual nas entrevistas como um aspecto importante, estudos como o de Brostulim e Cordeiro (2020) a respeito da pesquisa nacional do perfil LGBTI+ 2018, realizada pelo Instituto brasileiro de diversidade sexual-IBDSEX, são importantes por trazerem o levantamento desta pesquisa, apontando que 52,5% da população LGBTI+ pesquisada optou por se identificar pertencente a alguma denominação religiosa. Os autores ainda destacam que uma parte dessa comunidade se encontra nas denominações cristãs e que 21,1% se declararam católicos.

A relevância desta pesquisa se evidencia porque grande parte dos estudos aborda principalmente a ótica da relação das igrejas para com LGBTs, e poucos estudos pesquisam a perspectiva das pessoas LGBTs inseridas nesses espaços de fé. “Ainda é incipiente na Psicologia nacional, estudos que tenham a Religiosidade/Espiritualidade de LGBs como foco” (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019 p. 2). Pois as bases de referências em sua maioria são internacionais, como pontuam Estrázulas e Morais (2019). O contexto brasileiro, nordestino e sertanejo, podem desvelar outras configurações, diversas realidades, com intersecções entre Religiosidade, Ciência, Política, Direitos humanos e outras esferas.

O estudo de Estrázulas e Morais (2019) faz uma revisão muito importante, apresenta classificações pertinentes das compreensões sobre a religião de pessoas LGBTs, mas acabam não contemplando a questão da identidade de gênero, logo, pessoas trans, travestis e outras

identidades, não são objetos das principais pesquisas, configurando-se também como uma lacuna importante a ser assistida.

Diante disso, pôde-se construir a seguinte pergunta para este estudo: *“Quais as experiências de pessoas Trans que participam de igrejas cristãs convencionais?”*. Pretende-se investigar as experiências dessas pessoas em suas comunidades religiosas, como ocorrem suas participações, se eles enxergam tensões entre sua identidade gênero e as doutrinas da sua igreja, como eles lidam com essas possíveis tensões, e se eles percebem processos de inclusão e/ou exclusão nesses espaços religiosos, a fim de descrever inclusive as nuances desses processos.

Partindo do olhar da Psicologia Social, interseccionando outros saberes científicos que se debruçam em pesquisar sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil, é importante destacar como a Psicologia vem se posicionando diante da LGBTfobia. As resoluções 01/1999 e 01/2018, do Conselho federal de Psicologia norteiam a prática de psicólogas e psicólogos em todo o país acerca de pessoas LGBTs, tais resoluções são instrumentos importantes para demarcar que a ciência psicológica brasileira, comprometida socialmente, não compactua com uma visão patologizante e desviante sobre as diversidades (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999; 2018).

## **Metodologia**

O estudo foi uma pesquisa de campo, qualitativa e descritiva. A população do estudo, neste recorte, foram duas pessoas que se reconhecem como trans. Os critérios de inclusão para a pesquisa foram: Ter idade a partir de 18 (dezoito) anos; afirmar-se ou se reconhecer como LGBT; ser participante ou ter participado da religião Cristã, sendo catolicismo ou protestantismo (igrejas evangélicas); e ser ou residir em Petrolândia-PE<sup>3</sup>. O único critério de exclusão foi: Ser integrante ou participante de igrejas inclusivas. Para se chegar aos participantes foi lançado mão do método *Snowball* (Bola de neve), método bastante útil para se pesquisar populações e grupos de mais difícil acesso e que não se tem dimensão da quantidade de tal grupo, como aponta Vinuto (2014).

Como técnica de coleta de dados, optou-se pela Entrevista Narrativa, técnica bastante difundida por Minayo (2006), com perguntas compreendidas como questões bússolas, as entrevistas concedidas mediante a autorização dos participantes através da assinatura do Termo de Consentimento de Livre e Esclarecido – TCLE e foi submetida e aprovada por Comitê de ética em pesquisa.

A análise dos dados se deu através da Análise hermenêutica dialética, proposta por Minayo (2002; 2006) e adaptada juntamente com Gomes (2007; 2014). Tal análise se deu a partir das seguintes etapas: 1- transcrições das entrevistas; 2- leitura e releitura, separando perguntas e respostas que respondiam ao objetivo da pesquisa; 3- recortes de trechos das narrativas dos

participantes; 4- Formulação das categorias analíticas, analisando as que convergiam, divergiam, se complementavam e ao mesmo tempo contendiam.

Assim, esta pesquisa se propõe a contribuir apresentando novas nuances sobre que experiências são essas e como elas ocorrem; conversando, confirmando, divergindo e ampliando o que os estudos já feitos, com seus devidos recortes e perspectivas, discutem a respeito dos atravessamentos entre transgeneridade e religiosidade a partir das vivências de pessoas LGBTQs no contexto interiorano e sertanejo.

### **Normativas de Fé sobre corpos e afetos**

Jos Van Ussel em sua obra *Repressão Sexual*, traduzida no Brasil em 1980, pode nos ajudar a compreender como a religião cristã também gerencia as questões a respeito da sexualidade e dos corpos. De início é importante pontuar que o conceito de sexualidade não era muito bem definido, pelo menos como já o é hoje. Este termo, para Ussel (1980), só aparece ao longo do século XIX nas sociedades industriais e no século anterior não existia o adjetivo sexual para demarcar a diferença genital entre o homem e a mulher, pois por sexo entendia-se o sexo feminino. Com isso, o autor também destaca que tal termo não se encontra nem na Bíblia e nem em outras literaturas clássicas como Shakespeare, inclusive até teóricos históricos como Marx e Lenin pouco se utilizaram do termo.

Conforme Ussel (1980), os teólogos da moral construíram na idade média uma espécie de sistema que reuniria os principais pontos a serem conservados no que tange a sexualidade e ao gênero, como por exemplo: a supervalorização da virgindade em relação ao casamento, a recusa das relações sexuais que não sirvam para a procriação, a renúncia à sensualidade e ao prazer, a desvalorização da mulher em relação ao homem e uma atitude essencialmente androcêntrica, ou seja, que eleja o homem e o sexo masculino como central. Com a distinção dos modos de comportamento homossexual e heterossexual, a homossexualidade passou a ser um problema mais grave, intolerável e submetido a mecanismos como moralização, sexualização, recalçamento e repressão; “a homossexualidade é um sinal de corrupção moral, [...] desencadearam uma campanha contra as relações sexuais extras ou pré-conjugais, a prostituição, a masturbação, a homossexualidade [...]” (USSEL, 1980, p.171-172).

A partir dos acontecimentos na sociedade e seu dinamismo, para Rodrigues (2018), ao surgirem movimentos feministas e LGBTQs, fica evidente que a Igreja Católica não permaneceria na postura de não discutir melhor tais assuntos. Assim a Igreja Católica sentiu a necessidade de debater, por exemplo, a homossexualidade. Rodrigues (2018) estudou e nos apresenta os principais documentos oficiais da Igreja Católica que começam a se ocupar da temática da sexualidade. A *Declaração Persona Humana* da Congregação para Doutrina da Fé de 1975,

considera a sexualidade um fator relevante e é a primeira carta onde se aborda a questão da homossexualidade de forma explícita. Entretanto, a Carta trata a homossexualidade como um perigo da “corrupção dos costumes”. Além disso, a declaração reafirma a homossexualidade como “um ato desordenado”, condena relações sexuais de homossexuais por não conduzirem à procriação e se constituírem “graves depravações” pela Bíblia, que segundo Rodrigues (2018), produz o entendimento que conseqüentemente o homossexual é rejeitado por Deus.

Em contrapartida, atualmente, com as posturas e discursos do Papa Francisco, de acolhimento e adesão a causas e movimentos sociais, parece haver novos ares a respeito dessas discussões no âmbito católico. Um exemplo é uma publicação da Revista Vida Pastoral publicada em 2014, pela editora católica Paulus, que aborda exclusivamente sobre a questão da homoafetividade e fé cristã, numa perspectiva mais de acolhimento.

Um exemplo recente, foi o tema da nova Campanha Ecumênica da Fraternidade 2021, apresentado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, intitulado: *"Fraternidade e diálogo: compromisso de amor"*. Nesta campanha, em seu texto base e nos materiais de formação para a campanha, publicados em 2021, conseguimos ver referências ao combate à discriminação da população LGBT e a desigualdade de gênero.

Em um dos textos disponíveis nos materiais da Campanha, intitulado: *"Fraternidade e diálogo: compromisso de quem ama"*, é importante destacar as palavras do Secretário executivo de Campanhas da CNBB, o Pe. Patriky Samuel Batista:

Inseridos num cenário marcado por polarizações, ódios, ausência de escuta, individualismos imperialistas e indiferença, somos convidados a recuperar nossa capacidade de relação, tolerância, amorosidade e fraternidade. Edificar um novo humanismo alicerçado na ética cristã. Não podemos permanecer indiferentes a esta realidade que banaliza a vida, gera conflitos, violências, discriminações e radicalizações. (CNBB, 2021, p.1-2).

São novas posturas dentro da própria Igreja Católica, que estão em Harmonia com o atual Papa, mas que ainda tensiona com grupos conservadores que compõem a igreja, grupos inclusive que, segundo noticiados na imprensa nacional, se colocaram contrários a abordagem dessas temáticas numa Campanha de tamanha dimensão. Natividade e Oliveira (2009) apontam que a reiteração presente em discursos religiosos sobre uma heterossexualidade compulsória, pode se manifestar de maneiras e graus distintos, variando desde um silêncio total sobre diversidade sexual e de gênero até a produção de estereótipos que operam pelo estigma de pessoas LGBTs.

### **Vivências LGBT's em contextos sertanejos e interioranos**

Ser LGBT no interior nordestino ou numa pequena cidade tem suas especificidades. Podemos falar até de acessos, autorizações, limitações, códigos, subversões e significações. Por

exemplo, “ser homossexual, assumir ou não a homossexualidade na cidade do interior é bem diferente do que ocorre numa cidade grande” (FERRARI; BARBOSA, 2014, p.217).

Apesar de termos conhecimento que os estudos e pesquisas sobre diversidade sexual e de gênero vem se firmando como importantes objetos de estudo desde 1980, e abordando temáticas como: homofobia, experiência religiosa e outros, ainda existem pouco ou quase nenhum estudo sobre diversidade sexual e de gênero em contextos interioranos, conforme Gontijo e Erick (2015). Igualmente alguns autores exemplificam que “Pesquisas sobre homossexualidades nas cidades pequenas do interior do Brasil são praticamente inexistentes, como se homossexualidade fosse uma questão urbana e metropolitana” (FERRARI; BARBOSA, 2014, p.217).

De acordo com Oliveira *et.al* (2020), em seu estudo sobre sexualidades e expressões de gênero dissidentes em cidades de pequeno porte e contextos rurais, os autores perceberam que quando se tenta articular os estudos de gênero em contextos rurais e interioranos o que se encontra é uma lacuna de reflexões, e quando tal articulação existe não aborda vivências que se afastam e problematizam a heteronormatividade.

Partindo do contexto nordestino, Sampaio (2012) pontua sobre a construção binária de gênero no contexto nordestino, possibilita uma retórica na qual a exaltação da masculinidade e eliminação da feminilidade constitui a identidade regional: “Daí é possível explicar a existência das ‘mulheres machos’, das ‘Luzias homem’, das ‘paraíbas masculinas’.” (SAMPAIO, 2012, p.4).

A partir das reflexões no estudo de Lira (2018), podemos situar que, na perspectiva geográfica, o sertão nordestino é caracterizado pelo clima semiárido, vegetação de caatinga, irregularidades nas distribuições de chuvas, solos secos e altas temperaturas, além do mais a força do termo sertão é tão potente que no senso comum passou-se a utilizar sertão e nordeste como sinônimos. Mas, o sertão e o Nordeste são bem mais amplos, diversos e complexos. Sobre a construção do homem nordestino, Lira (2018) enfatiza que o homem nordestino é estabelecido como aquele sem medo, forte e resistente ao clima sertanejo tendo nas figuras do jagunço, do cangaceiro e do coronel sua representação.

O estranhamento à diversidade no contexto sertanejo é uma consequência das relações de gênero e de sexualidade ainda legitimadas pela lógica patriarcal e cisheteronormativa, na medida em que a sociedade sertaneja, ainda atualmente é influenciada e reproduz uma cultura machista e coronelista, segundo Lira (2018).

Para Silva, Castro e Siqueira (2021), o contexto pernambucano, de modo geral, reproduz uma cultura machista e homofóbica, e no sertão, a questão é potencializada. Mesmo havendo mudanças sociais e culturais importantes, para os autores, ainda é potente a concepção do nordestino “cabra macho”, que naturaliza uma masculinidade baseada na relação homem-mulher. Para os autores, o conceito de Foucault sobre poder pastoral nos ajuda a compreender a

LGBTfobia no sertão em relação com a religiosidade que atua sobre os indivíduos garantindo a salvação, ensinando a verdade e a moral, além de controlar os corpos através da confissão. É o uso de tecnologias de poder a fim de se ter um controle político das pessoas.

Portanto, diante de tantas especificidades, contextos e complexidades, talvez seja preciso pensar e questionar: como deve ser se reconhecer trans numa cidade pequena, no interior e no sertão de Pernambuco? E além do mais, professando a fé cristã e transitando nesses espaços? Quais resistências, insistências e até desistências essas pessoas lidam?

## Resultados e Discussões

A amostra para este artigo contemplou duas pessoas, sendo um homem trans que era evangélico e atualmente é católico, e uma mulher trans que era católica e atualmente se reconhece como atea. Optamos por considerar cada categoria construída como uma Epístola<sup>4</sup>, a intenção é provocar uma reflexão de que, como os textos das pequenas cartas consideradas sagradas no Novo Testamento, as narrativas dessas pessoas trans que tiveram também algum contato com o Cristo e com a fé são vivências atravessadas pelo Sagrado. O trabalho de análise desvelou quatro categorias analíticas que serão trabalhadas a seguir.

### Epístola I – Testemunhos I: O julgar e o acolher que coexistem

Encontramos aqui, relatos de quem viveu e vive, dentro das comunidades de fé, níveis de julgamentos e desconfiança, como também algum grau de acolhimento, e isso, ou ao mesmo tempo a partir de pessoas diferentes, ou no mesmo ambiente em momentos distintos.

*“[...] ao decorrer dos anos eu achei que foi ficando pouco mais difícil porque mudei né?, teve a transição de rapazinho para mulher né?, então foi aí que ficou um pouco mais difícil, os olhares, os comentários [...] tirando isso para mim foi uma boa fase da minha vida eu até gostava no começo, participava de tudo na igreja, [...] ?, já fui coroinha [...].”* (Daphine<sup>5</sup>, 37 anos, Mulher trans, Ex-Católica e atualmente atea).

*“[...] é bem diferente da forma que me tratavam na outra religião que frequentava, a Testemunha de Jeová, [...] quando eu vou para igreja católica eu me sinto mais à vontade, [...] na católica as poucas pessoas que eu conheço respeita, fala pelo nome social, trata pelo masculino né?, respeita, independente do gênero ou não”* (Henry<sup>6</sup>, 23 anos, Homem trans, Católico).

Os participantes relataram que como pessoas LGBTs e cristãs vivenciaram algum grau de acolhimento em suas comunidades, e simultaneamente ou posteriormente, também vivenciaram episódios de julgamento por parte de fiéis e lideranças dessas igrejas. É perceptível o acolhimento ou uma sensação positiva sobre essas experiências, quando Daphine e Henry trazem seus relatos.

Tais vivências conversam com o que Natividade (2006, p. 116) destaca em seu estudo, que “A despeito de uma ênfase no discurso de acolhida, permanece a ideia de que tais práticas são

pecaminosas”. Outra estratégia de integração que pessoas LGBTs como Henry que são cristãs em Petrolândia parecem usar é a de mudança na percepção. Tais falas dialogam com o que Estrázulas e Moraes (2019) descrevem como acontece tal mudança na percepção: focar em aspectos positivos da religião. Por exemplo, priorizando perceber Deus como amoroso, ao invés de punitivo. É possível observar que enquanto Henry indica manter ainda alguma proximidade com a sua comunidade religiosa, Daphine na entrevista fez questão de demarcar que se declara atualmente como atea e não mais católica.

## **Epístola II- Relatos de sacrilégios<sup>7</sup> I: Culpar, patologizar e demonizar**

Esta categoria se propõe a reunir os relatos que apresentam a LGBTfobia vivenciada pelos participantes nos contextos das igrejas de diferentes formas, desde exercendo acusação de pecado, seja também tratando as diversidades como uma questão patológica, ou até atribuindo condições de possessão ou influência demoníaca. Diante disso podemos dialogar com Natividade e Oliveira (2009), quando os autores apontam a citação do livro de Levítico como um texto bíblico recorrente, como um texto que instrui que o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo, como a atribuição de determinados comportamentos a gêneros estabelecidos, constitui uma abominação, visto que Deus reprovava o “varão que se deita com outro varão”, “como se fosse mulher”. “De acordo com esta interpretação da ‘Lei de Deus’, relações sexuais consideradas legítimas e não-condenáveis só poderiam se dar entre pessoas de sexos opostos” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 139).

Outra maneira de expressão de LGBTfobia pode ser vista na narrativa de Henry ao relatar: “[...] *sim é uma forma de excluir a nossa comunidade trans[...], [...] tem sim pessoas que se sente excluída, por ser tratado com preconceito, por ser olhado diferente, por ser visto como uma pessoa anormal*”. As expressões usadas parecem compor um pano de fundo psicologizante ou patológico das diversidades sexual e de gênero. É importante trazer aqui que a ideia de reversão, reparação, reorientação, cura e mudança de orientação sexual ou identidades trans é contestada cientificamente hoje e não é promovida como um serviço da Psicologia no Brasil, por exemplo. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999; 2018).

A respeito do posicionamento do Conselho Federal de Psicologia, Trindade (2019) salienta que os profissionais de psicologia devem se posicionar de modo a seu conhecimento servir contra discriminações e preconceitos a sujeitos de orientação sexual e identidades de gênero não-heteronormativa.

Estrázulas e Moraes (2019) contribuem para essa discussão, quando apontam que análises de artigos específicos sobre terapia de reversão, indicam que geralmente o que motiva o engajamento de pessoas LGBTs nessas tentativas são reações da família, fundamentalismo

religioso e autoidentificação como pessoas espiritualizadas. Além do mais, para os autores, os estudos concluem que tais tratamentos são mencionados em sua maioria como ineficazes ou prejudiciais por quem participa.

As narrativas de Daphine expõem outra maneira em que a LGBTfobia acaba se revelando no contexto religioso, a de atribuir às orientações sexuais e identidades de gênero que divergem da norma cisheteronormativa, um caráter demoníaco ou de algum tipo de mal espiritual que pode ser expelido. Podemos ver isso quando Daphine diz que: “[...] já ouvi muito chamar a gente de demônio no meio da rua hoje em dia, eu escuto ainda muita piada dessas pessoas muito católicas, de que: ‘isso é coisa do demônio’, ‘isso não é tão de Deus’, [...]”. Assim, percebemos outra tendência do discurso religioso, é demonizar as identidades trans. Os discursos de muitas igrejas produzem uma visão das pessoas LGBTs como causas de possessão ou influência demoníaca, se configurando então como um dilema espiritual, conforme Mesquita e Perucchi (2016).

### Epístola III- Testemunhos II: Incluindo/excluindo corpos que (não) passam

Nesta categoria são demarcados relatos que expõem processos de inclusão e/ou exclusão vivenciados pelos participantes nos espaços das comunidades de fé, através de pessoas que participam das respectivas igrejas.

*“[...] é, sim, eu acho, teve uma fase que eu me senti completamente incluída em tudo. porque tudo eu participava e tudo eles me chamavam né? [...] quando eu fui em tornando de garoto para garota aí que as coisas foi mudando, algumas vezes eu me senti excluída por ter mudado, o pessoal da igreja, não sei se eu posso chamar de preconceito ou eles tinham um jeito de pensar?” (Daphine, 37 anos, Mulher trans, Ex-Católica e atualmente atea).*

*“[...] eu já cheguei a ir para igreja Testemunha de Jeová depois da transição, eu fui de calça, camisa social, cabelo cortado e sapato, ninguém me respeitou, ninguém me tratou pelo masculino, pelo nome social, ninguém procurou saber o nome social, [...], e eu já fui para a igreja católica, eu fui acompanhado com minha esposa, minha sogra e foi acolhedor porque ninguém me olhou torto, ficou com piada, ninguém ficou com picuinha, entendeu? ninguém olhou para mim diferente, [...] simplesmente eu tava ali e pronto.” (Henry, 23 anos, Homem trans, Católico).*

As duas pessoas trans da pesquisa se encontram e desencontram aqui num ponto pertinente para ser discutido que é a questão da passabilidade. Pontes e Silva (2017) compreendem que a passabilidade na performatividade de gênero, trata-se de uma série de atos regulados e que se repetem, assegurando uma ótica de gênero situada numa matriz heterossexual e cisgênera.

No caso de Daphine, como as pessoas da igreja viram sua transição acontecendo, isso parece ter contribuído para que houvesse esse tipo de exclusão. Já Henry, talvez pelo fato de transitar na igreja em momentos mais tumultuosos ou quando a mesma está vazia já se reconhecendo como Homem trans, ou por algum outro motivo que não apareceu em seu relato, é

possível compreender que o transitar de Henry na igreja parece ser mais passável ao olhar crítico e regulador das pessoas, inclusive pela experiência de exclusão que vivenciou em sua antiga igreja. Com isso, “o que está em jogo, portanto, é uma norma regulatória que organiza o regime de leitura social dos corpos/sujeitos com base em uma matriz de gênero, definindo condições de reconhecimento e legitimidade” (PONTES; SILVA, 2017, p. 409).

Assim, corpos aceitáveis são os que ‘passam’ sem serem detectados como não cisgêneros, pois ser identificado como trans, nesse sentido, retoma a passabilidade como estratégia de ‘esquiva’ ante a discriminação e violências que acontecem em espaços públicos (SILVA, 2013). Diante disso, é possível pensar que a leitura que fazem dos corpos de Henry e Daphine produzem processos distintos de inclusão/exclusão?

Acreditamos ser importante dialogar com alguns termos da psicologia social, que a priori se ocupam das desigualdades socioeconômicas, mas que podem nos ajudar a ler processos de exclusão/inclusão de forma mais complexa e abarcando essas questões da diversidade, que não deixam de ser sociais. Sawaia (2001) nos ajuda a pensar em exclusão e inclusão como processos ambíguos, multifacetados e que se atravessam. O conceito de inclusão perversa ou marginal, de Martins (1997, apud SAWAIA, 2001), basicamente questiona o termo exclusão e problematiza, ao entender que na verdade o que acontece, é uma maneira de incluir com determinadas regras que marginalizam os sujeitos. Diante disso, é possível considerar que tais vivências relatadas nessa epístola são processos de inclusão perversa? Esses sujeitos se dão conta disso?

#### **Epístola IV- Relatos de sacrilégios II: Doutrinas que produzem desistências, permanências e resistências**

Esta última categoria, se propõe a apresentar diferentes situações produzidas a partir das doutrinas cristãs que se ocupam da diversidade sexual e de gênero, aqui podemos perceber como os participantes subjetivam de maneiras distintas os processos que vivenciam em suas igrejas.

Daphine adota uma postura que escolhemos denominar de: desistência, seja de permanecer vinculada a determinada igreja, ou de continuar em algum ambiente ou situação proporcionados pela comunidade. Daphine ao dizer: “[...] *nada disso tá falando numa Bíblia, se estão xingando a gente numa Bíblia, é mentira [...]; [...]*ia ter um evento e tava marcando o que ia se fazer, mas não me incluíram, eu tava lá mas era a mesma coisa que eu não tá, aí eu senti que foi daí que me afastei”; Esses relatos parecem convergir com a atitude de optar por uma manutenção de uma das identidades (religiosa ou LGBT), nesses casos a escolha por abandonar a afiliação religiosa, preservando a identidade de gênero com a qual se afirma, segundo Estrázulas e Moraes (2019).

Entendemos como permanências e resistências aqui, iniciativas de continuar nas comunidades de fé, apesar de tudo que já vimos até então nas epístolas anteriores. Contudo hora com uma postura mais indiferente ao que lhes acontece, enquanto outros com uma perspectiva mais positiva e esperançosa a respeito da igreja e das doutrinas. Isso pode ser percebido quando Henry diz: *“já ouvi essa frase: ‘você não é de Deus, você não devia tá aqui, você não devia ir pra igreja’[...]Eu não ligo não, eu fico pensando assim, [...] não ligo quando falam que acham errado, não me toca, não me atinge”*.

Esse processo, é entendido por Estrázulas e Moraes (2019) como uma forma de repensar a teologia aplicada em sua igreja e adotar uma escuta mais seletiva, tem sido uma estratégia utilizada por pessoas LGBTs para permanecer em suas comunidades de fé. Ribeiro e Scorsolini-Comin (2017) observam que em grande parte das religiões no contexto Brasil, existe uma atitude de cerceamento das expressões das diversidades, buscando normatizações ou padrões. Contudo, por mais que a instituição religiosa defina normas e condutas a serem adotadas, não significa que todos os integrantes irão segui-las.

### **Considerações Finais**

A partir desta pesquisa foi possível investigar quais as experiências de pessoas trans cristãs e que são Petrolandenses, tendo em vista os atravessamentos entre diversidade de gênero e religiosidade em uma cidade interiorana e sertaneja.

Encontramos experiências que trazem envolvimentos, acolhimentos. Contudo, os mesmos e/ou até alguns relatos também trazem experiências de julgamentos, dificuldades, afastamentos. É importante destacar que alguns participantes relataram uma experiência que reúne situações de acolhimentos e julgamentos num mesmo espaço através de pessoas distintas ou que acontecem em diferentes momentos.

Também acolhemos falas que escancararam a LGBTfobia religiosa de três principais maneiras: Atribuindo pecado e erro as identidades trans que estão nas igrejas; utilizando um discurso patologizante para estigmatizar essas pessoas; além de apelar para uma esfera mais espiritual, associando as identidades trans à possessão de demônios ou influência maligna. Além disso, tivemos contato com relatos que desvelaram inclusão/exclusão como um processo de duas faces, mas vividos pelos participantes de forma muito diversa, onde para cada pessoa acontece em níveis, ordenações e até formatos diferentes.

Por fim, acessamos relatos que convergem com o que os estudos já feitos apontam, no que se refere às doutrinas cristãs que regulam e gerenciam as questões de gênero e sexualidade, produzirem desistências, ou seja, criar um ambiente que facilite o “abandono” da fé ou da comunidade religiosa por parte de pessoas trans. Porém percebemos que, além disso, tais normas

e preceitos também geram permanências e resistências, ou seja, experiências de pessoas trans que conhecem essas regras, mas que enxergam com esperança a possibilidade das doutrinas serem flexibilizadas com o tempo por algumas igrejas; bem como um percurso de questionamento e problematização de tais normas, enquanto pessoa ativa e participante na comunidades de fé.

Faz-se importante pontuar que a princípio, esse estudo partiu de dois pressupostos principais. O primeiro seria que as experiências de pessoas trans em igrejas cristãs convencionais, apesar dos tensionamentos, produzissem nos sujeitos, modos diferentes de se subjetivar, ao serem incluídos de alguma forma em suas comunidades, lhes dando condições de transitar por esses espaços e entre os conflitos. O qual se pôde confirmar com as diferentes experiências dos participantes, que participam ou participaram das igrejas, vivenciando sua fé e vivenciando abertamente suas identidades.

O segundo pressuposto é que poderiam existir experiências que conversassem e/ou problematizassem os estudos feitos até então, nos apresentando processos de inclusão e/ou exclusão, só que de formas muito mais multifacetadas e imbricadas. Os achados deste estudo nos ajudaram a ampliar as compreensões que temos desses atravessamentos, pois estamos tendo contato com reinvenções bem mais complexas, pois não é só exclusão ou inclusão, ou necessariamente mais uma em detrimento da outra, na verdade se apresentam muitas vezes entrelaçadas.

Esta pesquisa buscou contribuir para com a população trans petrolandense, sertaneja, nordestina e brasileira, ao se ocupar desses recortes diante da grande lacuna existente de pesquisas nesse sentido. Contribuindo também para a produção de uma ciência que considere territorialidades, intersseccionalidades e, também, a interiorização da pesquisa brasileira, pois as pessoas que vivem, transitam e existem distantes das grandes metrópoles, também precisam ser contempladas e convidadas a fazerem ciência conosco. Além disso, este estudo se propôs a beneficiar as próprias igrejas cristãs que se dispuserem a nos ler, a ler os corpos e afetos das pessoas trans a partir, principalmente do que elas têm para contar. Assim, tais comunidades de fé podem de alguma maneira discutir e propagar este estudo, viabilizando espaços para que essas experiências tenham mais voz onde congregam.

Como limitações da pesquisa, podemos pontuar que por se tratar de uma pesquisa que se ateu a investigar experiências, e experiências de duas pessoas de um determinado contexto e lugar, não é possível, muito menos aconselhável, termos uma perspectiva generalista a partir dos dados obtidos, apesar dos resultados conversarem bem com os poucos e importantes estudos e pesquisas similares.

No tocante a pesquisas futuras, consideramos relevante ampliar as intersseccionalidades que abarcam a comunidade trans, para tanto seria interessante pesquisar quais outras alternativas

de práticas religiosas e espiritualidade pessoas trans de cidades interioranas aderem além do Cristianismo; Como também, aprofundando melhor a relação das igrejas cristãs para com a comunidade trans, entendemos que seria importante pesquisar as representações sociais ou quais os sentidos que lideranças religiosas cristãs possuem sobre os fiéis que se reconhecem como trans e quem convivem em suas comunidades.

## Referências

BORGES, Lenise Santana et. al. Abordagens de gênero e sexualidade na psicologia: revendo conceitos, repensando práticas. Goiânia: **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 3, 2013.

BROSTULIM, Edmar Antonio; CORDEIRO, Luiz Fernando Botelho. As religiões no Brasil e a população LGBTI+: apontamentos sobre pertencimento e circulação religiosa. In: SOUZA, Humberto da Cunha Alves de. et.al (org.). **Ensaio sobre o perfil da comunidade LGBTI+**. Curitiba: IBDSEX. p.189-200, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero - feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - UFBA, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL-CNBB. **Campanha da fraternidade 2021**. 2021. Disponível em: <https://campanhas.cnbb.org.br/campanha/campanha-da-fraternidade-2021>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 1, de 22 de março de 1999**, Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Brasília: CFP, mar. 1999. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/lei/normas-de-atua%C3%A7%C3%A3o-para-os-psicologos-em-relacao-a-questao-da-orienta%C3%A7%C3%A3o-sexual-cfp?origin=instituicao>. Acesso em: 02 de jun. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 1, de 29 de janeiro de 2018**, Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis Brasília: CFP, jan. 2018. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/lei/normas-de-atuacao-para-as-psicologas-e-os-psicologos-em-relacao-as-pessoas-transexuais-e-travestis-cfp?origin=instituicao>. Acesso em: 03 de jun. 2021.

ESTRÁZULAS, Mattos Dourado de Mesquita; MORAIS, Normanda Araujo de. A Experiência Religiosa/Espiritual de Lésbicas, Gays e Bissexuais: Uma Revisão Integrativa de Literatura. Brasília: **Psic.: Teor. e Pesq.** v. 35, 2019.

FERRARI, Anderson; BARBOSA, José Gabriel Couto de Viveiros. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. **Bagoas**, n. 11, p. 211-236, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza, (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes; p. 79-108, 2007.

GOMES, Romeu. **Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, 2014.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. **Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil:** Ausências, Silenciamentos e... Exortações. Aceno, Vol. 2, N. 4. p. 24-40, ago. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.** 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=794>. Acesso em: 10 de set. de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Questionário da Amostra do Censo Demográfico de 2010.** 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/pt/coleta/questionarios>. Acesso em: 11 de set. de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades: Petrolândia.** 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolandia/historico>. Acesso em: 20 maio. 2021.

LIRA, Kalline. Envelhecimento da população LGBT: desafios no Sertão de Pernambuco. **Bagoas**, n. 18, p. 140-170, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo Educado, Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade:** pedagogias contemporâneas. v. 19, n. 2, maio de 2008.

MESQUITA, Daniele Trindade; PERUCCHI, Juliana. **Não apenas em nome de Deus:** discursos religiosos sobre homossexualidade. **Revista Psicologia e Sociedade**, n.28, p.105-114, 2016.

MICHAELIS. **Epístola.** Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Ep%C3%ADstola/>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

MICHAELIS. **Sacrilégio.** Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sacril%C3%A9gio/>. Acesso em: 23 de maio de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Hermenêutica-Dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, M.C.S; DESLANDES, S.F. (orgs.). **Caminhos do pensamento:** epistemologia e método. Rio de Janeiro: Fiocruz. p. 83-107, 2002.

NATIVIDADE, Marcelo Homossexualidade, gênero e Cura em perspectivas pastorais Evangélicas. vol. 21 nº. 61, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Revista Latinoamericana**, n. 2. p.121-161, 2009.

OLIVEIRA, Esmael Alves de, *et.al.* Dissidências de gênero e sexualidade(s) em contextos interioranos e/ou rurais: cruzando temas, problemas e perspectivas contemporâneas. Caruaru-PE: **Revista debates insubmissos**, Ano 3, v.3, nº 9, Edição Especial, p.6-11. 2020.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019:** Relatório do Grupo Gay da Bahia. 1. ed. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2020.

PONTES, Júlia Clara de; SILVA, Cristiane Gonçalves da. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans Periódicus, Salvador, n. 8, v. 1. **Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**, p. 396-417, nov. 2017 - abr. 2018.

RIBEIRO, Laura Moraes; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. **Psicologia & Sociedade**, n.29, 2017.

RODRIGUES, Silvia Geruza Fernandes. Igreja Católica Romana e a Homossexualidade: Visão da Moral Sexual Católica a partir da análise de documentos Oficiais. Juiz de Fora, MG: **Sacrilegus**, v. 15, n. 1, p. 124-140, jan-jun. 2018.

SAMPAIO, Juciana de Oliveira. Nem “cabra macho”, nem “Paraíba masculina”: discutindo travestilidade e regionalidade em perspectiva Interseccional. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. **Anais Eletrônicos**, p.1 1-12, 2012.

SAWAIA, Bader. **As Artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª Ed, 2001.

SILVA, Joseli Maria. Espaço interdito e a experiência urbana travesti. In: **Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços**. SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; JUNIOR, Alides Baptista Chimin (Org.). Ponta Grossa: Toda Palavra, p.143-182, 2013.

SILVA, Danuzio Weliton Gomes da; CASTRO, Gustavo Henrique Carvalho de; SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares. **Discurso LGBTfóbico no ciberespaço do sertão pernambucano: discriminação e resistência em questão**. Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 403-429, jan. 2021.

TRINDADE, Samuel Bernardo da. O Discurso da “Cura Gay” nas Igrejas Neopentecostais. **Reflexus**, Ano XIII, n. 22, 2019.

USSEL, Jos Van. **Repressão sexual**. Editora campus, 1980.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Campinas: **Rev. Temáticas**, Ed.22, p. 203-220, ago. 2014.

---

<sup>1</sup> De acordo com Louro (2004 apud COOLING, 2018) o termo *queer* pode ser traduzido por: estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário.

<sup>2</sup> Natividade e Oliveira (2009) entendem como igrejas convencionais, denominações cristãs que adotam discursos conservadores que confrontam a diversidade sexual e de gênero.

<sup>3</sup> De acordo com o IBGE (2021), Petrolândia (terra de Pedro), é um município do Sertão Pernambucano e do semiárido nordestino.

<sup>4</sup> Epístola, de acordo com o Dicionário Michaelis (2021), são cartas ou lições dos apóstolos dirigidas aos primeiros cristãos e que constam no Novo Testamento.

<sup>5</sup> Fazendo lembrar de Daphine Kauane, Jaboatão dos Guararapes-PE, morta, conforme Oliveira e Mott (2020).

<sup>6</sup> Em memória de Henry Pereira da Silva, Arcoverde-PE, assassinado, segundo Oliveira e Mott (2020).

<sup>7</sup> Sacrilegio é um pecado grave contra a religião que consiste na violação de pessoa, lugar ou objeto sagrado. (MICHAELIS, 2021).